

NO BANCO

James Robison

Lembro-me de uma época em que nosso filho, Randy, jogava extremamente bem na Liga Amadora de Beisebol. Ele tinha conseguido 500 rebatidas naquele ano, e, se não me falha a memória, foram só duas bolas para a base. Ele fazia grandes jogadas e marcava muitos pontos. Rebatia bolas a uma boa distância - boa o suficiente para ganhar bases extras na Liga Amadora. Aquele era o ano de sua vida, e eu estava orgulhoso disso.

Mesmo tendo um ano maravilhoso, Randy sempre ficava no banco, pois o treinador tentava colocar o maior número possível de meninos para jogar. Sempre educado, Randy não reclamava e até parecia satisfeito pelos outros terem oportunidade de jogar.

Parecia não se importar, mas eu me importava.

Mais de uma vez, conversei com o treinador sobre como ele poderia deixar de lado um menino como Randy, por que colocava em seu lugar meninos que não jogavam bem. Ele não queria vencer? Será que não estaria transmitindo uma mensagem errada ao deixar no banco os bons jogadores?

Na verdade, havia naquele campo alguém passando uma mensagem errada, mas não era o treinador. Minha atitude impaciente de vencer a qualquer custo é que estava atrapalhando.

Randy não gostava que seu papai ficasse tirando satisfações com o treinador, ficava nervoso e envergonhado. Perguntava-se por que o pai tinha tais reações diante de decisões. Era como uma sombra anuviando aquele ano magnífico. Bem no fundo, eu sabia que minhas atitudes o incomodavam, por isso pedi ao Senhor que me ajudasse a controlá-las.

Randy foi promovido para o time dos astros, e nós ficamos muito animados. Lembro-me de uma vez em que voei para casa a fim de assistir a um de seus jogos. Quando cheguei ao estacionamento e fui para o campo, vi que seu time já estava posicionado, e meu coração bateu mais forte. Mas onde estava Randy? Aproximei-me dos lugares descobertos da arquibancada e pude ver Randy no banco. O que é isso?! Não faz sentido. Aquele era o menino que havia levantado o time e, agora, estava começando o jogo no banco?, pensei.

Sem sorrir, Randy viu quando tomei meu lugar. Vi a expressão de seu rosto e adivinhei o que se passava em sua mente. Ele pensava: Puxa, sei que papai está desapontado e chateado por me ver no banco. Querido Deus, por favor, não permita que ele diga nem faça nada.

Pela graça de Deus, aquele foi um dos momentos em que fiz a coisa certa. Quando vinha para o jogo, senti em meu coração que precisava, de alguma maneira, demonstrar a meu rapazinho quanto me orgulhava dele - e que ele não precisava de um grande feito para ter minha aprovação.

Cheguei, então, até a cerca, perto de onde ele estava, e vi que me olhava com um ar apreensivo.

- Randy - eu disse -, quero que saiba que papai está tão orgulhoso de ver você aí, sentado no banco, como se estivesse no jogo, rebatendo as bolas e marcando pontos. Você é meu filho e não tem que fazer nada para

me agradar nem para ganhar a minha aprovação. Já tem 100% dela. Amo você, filho.

Seus olhos se encheram de lágrimas, e ele sorriu. De alguma maneira, eu sabia que tinha tocado em seus sentimentos. Em meu coração, agradei a Deus por ter feito a coisa certa.